







# OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

## VERSO

OARISTOS (1890), 2. <sup>a</sup> edição .....	1 vol.
HORAS (1891) esg.....	1 vol.
SYLVA (1894).....	1 vol.
INTERLUNIO (1894).....	1 vol.
TIRESIAS (1895) esg.....	1 tolh.
SAGRAMOR (1895).....	1 vol.
SALOMÉ E OUTROS POEMAS (1896).....	1 vol.
A NEREIDE DE HARLEM (1897) esg.....	1 folh.
O REI GALAOR (1897).....	1 vol.
SAUDADES DO CEO (1899).....	1 vol.
CONSTANÇA (1900).....	1 vol.
POESIAS ESCOLHIDAS ( <i>no prelo</i> ).....	1 vol.

## PROSA

BELKISS (1894).....	1 vol.
---------------------	--------

## TRADUCCÕES

BELKISS, tradução italiana di Vittorio Pica (1896).....	1 vol.
BELKISS, traducción castellana por Luis Berisso 2. <sup>a</sup> edição (1899)	1 vol.
SALOMÉ, tradução italiana di Antonio Padula (1899).....	1 vol.
IL RE GALAOR, tradução italiana di Antonio Padula (1900)....	1 vol.

EUGENIO DE CASTRO

---

DEPOIS DA CEIFA

---

FOLHAS SOLTAS — FIGURINHAS DE TANAGRA

ODES DE HORACIO



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta, 50, 52 e 54*

1901

*D'esta edição fez-se uma tiragem especial de doze exemplares numerados e rubricados pelo auctor.*

PQ  
9261  
C4D4



## DEPOIS DA CEIFA

---

Depois da ceifa (já assim era no tempo de Booz e de Ruth), depois de apertadas as gavelas, e de armadas as gavelas em moreias, sempre fica nas restevas uma ou outra espiga abandonada.

Como os ceifeiros, quando escolhemos e ordenamos os carmes que devem formar um novo volume, nós, os poetas, que temos a triste vaidade da publicação, sempre deixamos ficar uma ou outra poesia na tranquillidade da pasta, o que provém d'um mero esquecimento, quando não deriva da ancia de conservar a eurythmia de cada uma das nossas obras.

As espigas abandonadas em todas as ceifas fariam uma gigantesca meda, mais alta que a mais alta basilica; de tempos a tempos, os versos abandonados por cada poeta, ao organizar os seus volumes, fariam um grande volume.

As espigas caídas nos restolhos, leva-as o vento, porque os segadores não são, de ordinario, os donos das searas onde lidam; mas o poeta, que ama paternalmente todos os fructos do seu campo, mal tem acabado de erguer uma moreia, logo parte a recolher com piedade quanto ficou esquecido no chão da sega.

Este livro, onde ha *variedade* á falta de *harmonia*, é o fascal das espigas desaproveitadas, mas não repudiadas, das minhas ultimas ceifas. (\*)

Coimbra, 17 de março de 1897.

---

(\*) As poesias d'este volume foram escriptas de 1894 a 1896.



FOLHAS SOLTAS



## FINS D'OUTOMNO

---

A tiritar de frio, em seu balcão,  
Tosse o Príncipe loiro, e as nuvens olha;  
Sua c'roa de nardos se desfolha,  
Pelos canaes, cantando os cysnes vão . . .

Correm p'la herva plumas de pavão . . .  
Treme o lago, ao cair de cada folha . . .  
E dos repuxos a poeira molha  
O moço, quando passa a viração . . .

Cerra os olhos, o Principe, cançado  
De ver nas foscas nuvens, batalhando,  
Plumbeas Chymeras, em revoltas iras . . .

E no mosaico do balcão doirado,  
Dos seus dedos exangues vão tombando  
Os aneis cravejados de saphiras . . .



# INSCRIPÇÃO

PARA O TUMULO D'UMA DONZELLA

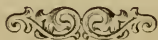
---

«Num mirante que a hera revestia,  
Passei a minha mocidade á espera  
*D'esse*, que em ledos sonhos me appar'cera,  
E que em continuos sonhos me appar'cia.

«Menina e moça, deslizar eu via  
Moços mais lindos do que a Primavera,  
Porém, ó magoa! nenhum d'elles era  
O que em continuos sonhos me appar'cia. . .

«A Morte me beijou, sendo eu tão nova!  
— Caminhante, que passas divagando,  
Distrahido entre as alvas sepulturas,

«Desfolha algumas flor's sobre esta cova:  
Ês o noivo talvez que eu 'stive esp'rando,  
Talvez eu seja a noiva que procuras. . . »



## A COROA DE ROSAS

---

Afim, occulto amor, de coroar-te,  
De adornar tuas tranças luminosas,  
Uma c'roa teci de brancas rosas,  
E fui p'lo mundo fóra, a procurar-te.

Sem nunca te encontrar, crendo avistar-te  
Nas moças, que encontrava, donairosas,  
Fui-as beijando e fui-lhes dando as rosas  
Da c'roa feita com amor e arte.

Trago, de caminhar, os membros lassos,  
Acutilam-me os ventos e a geadas,  
Já não sei o que são noites serenas . . .

Sinto que vaes chegar, oiço-te os passos,  
Mas ai! nas minhas mãos ensanguentadas  
Uma c'roa de espinhos trago apenas!





## A CLEPSYDRA DE THEODORA

---

Junto do leito, a imperatriz Theodora  
Uma clepsydra tem, obra do artista  
Mœris, que, de a fazer, perdeu a vista  
E que em funda miseria vive agora.

Sobre a clepsydra, uma risonha Aurora,  
Abrindo a mão com graça nunca vista,  
Deixa cair n'um prato de amethysta  
Uma perola negra, de hora a hora.

De Theodora os dias sanguinarios  
Passam velozes, lesto, de fugida,  
Quaes do Bosphoro, ao luar, as agoas cerulas ;

Osculando cocheiros e sicarios,  
Tão ligeira lhe vae correndo a vida,  
Que ouve constantemente chover perolas . . .



# HYMENEU

A CATERINA BARBARO FORLEO (DUQUEZA D'ESTE)

por ocasião do seu casamento com o Conde de S.<sup>to</sup> Angelo Limosano

Antes do casamento, as noivas iam depor as suas bonecas no altar de Venus.

HISTORIA ROMANA.

*Flammeum*, i. n. Liv. véo côr de fogo, com que as noivas cobriam o rosto.

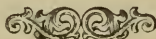
MAGNUM LEXICON.

Por um véo, que do fogo tem a côr,  
Occulta a pura fronte alabastrina,  
No branco altar de Venus, Catharina  
Suas lindas bonecas vae depor.

Depois, soltando um halito de flor,  
Qual, entre flor's, um veio d'agoa fina,  
Sua voz se levanta, aurea e divina,  
Pedindo protecção á Mãe do Amor.

Pasma a Deusa escutando voz tão doce,  
Tão carinhosa e affavel, qual se fosse  
Um fumegar de languidos perfumes ;

E vendo Catharina retirar-se,  
Para o Olympo corre e diz aos Numes :  
«Sappho resuscitou e vae casar-se!»



# OPHIR

---

## I

Desde que o moço rei subira ao throno,  
Sempre que se deitava p'ra dormir,  
D'uma sereia começava a ouvir  
A argentea voz, que lhe tirava o somno.

— «Para ti grandes glorias ambiciono,  
«Vem comigo, se queres possuir  
«Uma ilha de luz, chamada Ophir,  
«Entre nevoas vogando ao abandono!»

Ophir! . . . Ophir! . . . E o rei, olhando o mar,  
Julga ver, entre as nevoas, scintillar  
Da ilha o refulgente baluarte . . .

De nada valem rogos nem conselhos!  
Chora a noiva do rei e os aios velhos,  
Mas, á busca d'Ophir, a frota parte . . .

## II

Partiu e não voltou! Voltou sómente  
O pobre rei já velho e esfarrapado:  
Mas ai! um outro rei vive sentado  
No seu throno de prata refulgente.

— «Sou o rei!» grita o velho inutilmente . . .  
Só o conhece um servo dedicado,  
De cujas mãos recebe o annel gemmado,  
Que á noiva morta dera de presente.

O usurpador cubiça o lindo anel: \_

«— Dá-me aquelle barquinho, que além dança,

«Se esta joia desejas possuir. . . »

O usurpador acceita; e no batel

Entrando, o velho rei, cheio d'esp'rança,

De novo parte demandando Ophir.







## A SÁ DE MIRANDA

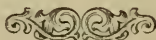
---

Muita vez, em 'spertinas amorosas,  
Pensava (e um terror brusco me vestia!)  
Que dos meus quentes beijos surgiria  
Uma linhagem d'almas lastimosas.

Hoje, porém, corôo-me de rosas,  
Vejo doirado o mais escuro dia,  
Quando penso em ser pae, e na alegria  
De beijar do meu filho as mãos mimosas.

Ó Poeta! que o meu filho nasça e cresça,  
Que o meu genio envergonhe os soes de julho,  
E que, d'aqui a seculos, o Ceo

Permitta que haja alguem que se envaideça  
De proceder de mim, como eu me orgulho  
De o meu sangue possuir gottas do teu!



## O PASTOR DESTERRADO

---

I

Mandaes-me perguntar, linda pastora,  
Se são lindos ou feios estes prados ;  
Não vol-o sei dizer, que meus cuidados  
Al me não deixam ver que a vós, Senhora.

Qualquer campina achava encantadora,  
Quando iam junto aos meus os vossos gados ,  
Mas hoje, ceos azues, campos doirados,  
Nada vejo na dor que me devora.

Se toda a luz que 'nestes olhos tinha,  
No tempo de feliz desasocego,  
Se toda aquella luz de vós me vinha,

Exilado nas margens do Mondego,  
Longe da que, por louco, julguei minha,  
Já sabereis, Senhora, que ando cego.

## II

Em que emprégo o meu tempo? Vou e venho  
Sem dar conta de mim, nem dos pastores  
Que deixam de cantar os seus amores,  
Quando passo amostrando a dor que tenho.

É de tristezas o torrão que amanho,  
Amasso o negro pão com dissabores,  
Em ribeiros de pranto pesco dores  
E guardo de saudades um rebanho.

Meu coração á doce paz resiste,  
E, embora fiqueis crendo que motejo,  
Alegre vivo por viver tão triste!

Amor se mostra 'nesta dor que abrigo,  
Quero triste viver, pois vos não vejo,  
Nem sequer muito ao longe vos lobrigo. . .

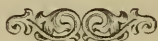
### III

Os aziagos dias, os quebrantos,  
As traições, as vinganças e os desprezos,  
Já não sente seus golpes nem seus pezos  
Aquelle que perdeu vossos encantos.

São rosários de dor os tristes cantos  
Que d'estes labios sólto em febre accesos,  
E, sem luz, os meus olhos estão presos  
Pelas grades de vidro dos meus prantos.

Vivo só, como os santos do deserto,  
Dia a dia o soffrer se me renova,  
E choro tanto que, do fim já perto,

Em breve, d'alto amor bem clara prova,  
Os prantos, que por vós, Senhora, verto,  
'Nesta penha abrirão a minha cova . . .



## VILANCETE

---

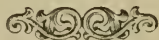
Quando estes olhos molhados  
Por vós, Senhora, os topastes,  
Com a bocca os alimpastes . . .

Por tanto mal me quererdes,  
Por taes desdens me votardes,  
E por tão mal me tratardes  
Com tão lindos olhos verdes,  
Os meus choraram, e ao verdes  
Toda a dor que me causastes,  
Com a bocca os alimpastes . . .

Tão 'scaldado o pranto vinha  
Que amolleceu, por meu bem,  
A cera d'esse desdem ;  
Eu por bem salgado o tinha  
Mas doce me foi asinha, ·  
Quando, por vel-o, mudastes  
E co'a bocca o alimpastes . . .

-

Jamais quero ver suspenso  
D'este pranto o borbulhar ;  
Quero viver a chorar,  
Só p'ra ter o gosto immenso  
De sentir o fino lenço  
Com que vós, quando os topastes,  
Os meus olhos alimpastes . . .





## VILANCETE

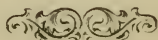
---

O que sería de mim,  
O que sería de vós,  
O que sería de nós?

Nem pensar quero que um dia  
Me podeis morrer, Senhora,  
Tanto o vosso amor me doura,  
Me acalenta e me inebria . . .  
Se um dia vos visse fria,  
Morta, da côr do marfim,  
O que sería de mim?

Se não ha da terra á face  
Quem vos queira como eu quero,  
Se é do meu amor sincero  
Que a vossa alegria nasce,  
Se eu um dia vos faltasse,  
Se então vos visseis a sós,  
O que sería de vós?

Mas ai! bem mais duro espinho,  
Desgraça muito maior  
Seria a morte do amor  
Que nos enflora o caminho...  
Cuidado! o Amor é franquinho  
E o Tédio é um monstro feroz...  
O que sería de nós?



## VILANCETE

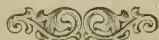
---

Quando as naus iam á India,  
Se eram cem as que abalavam,  
Vinte apenas regressavam . . .

Voltando ao Tejo, opulentas,  
Com gemmas, oiros e pratas,  
Eram presas p'los piratas,  
Quebradas pelas tormentas ;  
E ao fim de luctas cruentas,  
Se eram cem as que abalavam,  
Vinte apenas regressavam.

Com fé na vossa clemencia,  
Mandei-vos naus d'esperanças,  
Senhora de loiras tranças,  
Martyrio d'esta existencia ;  
E no caes da paciencia  
Os meu dias suspiravam  
Mas as naus não regressavam . . .

No mar das vossas friezas  
Todas se viram quebradas,  
Pobres naus ! mais desgraçadas  
Que as velhas naus portuguezas ;  
Que d'estas, se em más emprezas  
Muitas vezes se encontravam,  
'Inda algumas regressavam . . .



## A FONTE MILAGROSA

---

Uma tarde, fugindo da Judea,  
A Virgem-Mãe lavou o Deus-Menino  
N'uma fonte chamada Mathurea.

De tocar no Deus roseo e peregrino:  
E nas mãos virginaes que o seguravam,  
Houve a fonte um poder quasi divino:

Por onde as suas aguas marulhavam  
Tudo de alegres galas se cobria.  
E até as mortas flor's resuscitavam.

Ali perto, de incenso um horto havia,  
Que a tal fonte fizera tão viçoso,  
Que regado p'los anjos parecia.

Era dono do horto um duvidoso,  
Que esse viço tirava não das aguas  
Mas do terreno forte e planturoso.

Para se convencer, por umas fraguas  
A virtuosa veia desviou  
Do horto, que ficou jardim de maguas.

Embalde para ali canalizou,  
Com trabalhos sem fim, outros ribeiros:  
Tudo se lhe perdeu, tudo seccou. . .

O incenso já não dava os brandos cheiros,  
E o mol' terreno fez-se areal queimado,  
Que era uma chaga ali, entre os outeiros.

E — ó caso nunca em excesso celebrado!  
No pedernal por onde as lymphas santas  
Iam agora em fio prateado,

Flores nasciam de bellezas tantas,  
Que dava pasmo o ver assim nascidas,  
De pedras tão brutaes, tão finas plantas.

Do dūvidoso as duvidas caídas,  
Caiu em si, e ao horto fez voltar  
As milagrosas aguas despedidas.

Mal se escutou no horto o seu cantar,  
Logo tudo se encheu de relva e flores  
E o brando incenso embalsamou o ar!

Este caso, ó Rainha dos Amores!  
Acordou minha pallida memoria  
E deu-me do remorso as vivas dores.

No tempo em que em vós puz bem alta gloria,  
Que outra maior não tive que a de ter-vos,  
Quando achava em ser 'scravo alta victoria;

Quando me achava livre em pertencer-vos,  
E a noite se mudava em dia claro,  
Se pela noite me era dado ver-vos;

Quando em vós encontrava luz e ampãro,  
Era a minh'alma um horto rescendente,  
Brilhante, alegre, precioso e raro...

Do horto o viço e o aroma tão dormente  
Vinhã dos olhos com que o refrescãveis,  
Clarã fontes fluindo brandãmente...

Mã não quiz Deus que fosseã perdurãveis  
Os beneficãos que de vãos lograva,  
E a outra fui pedir o que me dãveis...



---

Vossos olhos, eu, louco, os engeitava  
E outros busquei a cuja luz mortal  
Logo o meu lindo horto se crestava . . .

Por desprezar o bem, colhi o mal,  
E, ambicioso, caí em tal pobreza  
Que outra no mundo não topava igual.

O' capricho fatal da natureza,  
Que nos lanças em tanta insensatez  
E que ao mais firme tiras a firmeza!

Caindo em mim, caí a vossos pés,  
E por castigo tive o perdão brando,  
Eu que mer'cera algemas e galés!

De novo o vosso olhar se ouviu cantando  
Na minha alma, no meu pobre horto,  
Que, em breve, suas galas foi cobrando.

Tudo se encheu de paz e de conforto,  
De aroma, sol e musicas fagueiras,  
Tornou-se vivo tudo o que era morto,

A treva em luz e os cardos em roseiras.



# AO DIVINO JOÃO DE DEUS

(8 DE MARÇO DE 1895)

---

Quando, nos idos tempos passageiros,  
Meus cordeiros guardava, e a minha altura  
Fazia par'cer grande a dos cordeiros,

Por um entardecer d'alma brandura,  
Maviosa flauta ouvi, tão doce e branda  
Que o seu encanto 'inda em minh'alma dura.

Ouvindo assim tocar, fui-me em demanda  
Do divo tocador, qual veloz cervã,  
Ou como o doente que, dormindo, anda;

Porém, sentado na comprida herva,  
Achei-te a ti, eu que encontrar julgava  
Marsyas, que teve a flauta de Minerva.

Aguas e plantas tudo te escutava,  
E até o meu rebanho, mais travesso  
Do que um rancho de Tityros, parava!.

Foi ahi, n'essas margens do Parmesso,  
Que tu, subida gloria das Camenas,  
Por quem o mór apreço é pouco apreço,

Me induziste a provar as mui amenas  
Aguas d'aquella fonte e me ensinaste  
A articular os dedos nas avenas;

Foi ahi, novo Orpheo, que me levaste,  
Pelo Helicon, á fulgida morada  
Das bellas Aganíppides, que honraste.

Foi desde aquella tarde bembfadada  
Que, entre os da minha idade tocadores,  
Minha flauta encantou e foi cantada . . .

A ti, Sol dos arcadicos pastores,  
É pois que eu devo o cubiçado tino  
Com que em musica torno o riso e as dores;

Fizeste-me o que sou, genio divino!  
Porquanto os que possuio mer'cimentos  
Menos do engenho vieram que do ensino

Se pelos doces, languidos relentos,  
Graças á minha flauta alliciante,  
Fiz palpitar d'amor lobos cruentos;

Se fiz parar o curso marulhante  
Do Mondego, se fiz parar, no trevo,  
Do meu rebanho cada rez saltante:

Se logrei enlevar em triste enlevo  
As loucas Mimallonides joviaes,  
— Se tudo isso fiz, a ti o devo!

Porém dos Deuses gloria e dos mortaes,  
Se tanto te devia, estava escripto  
Que devera dever-te muito mais!

A Ambição, monstro nunca assaz maldito,  
Fez-me odiar a minha solidão,  
D'um sereno pastor fez um proscripto.

Deixei a minha flauta, o meu bordão  
E o meu rebanho, e fui-me a correr terras,  
Que sepulturas d'almas virgens são.

De cidade em cidade, subi serras, . .  
E lá de cima, olhando para baixo,  
Só vi angustias, odios, luctas, guerras. . .

Da Ambição me attraía o tredo facho,  
Para o mal caminhava, cegamente,  
Qual para o mar o ambicioso riacho.

Por babilonias, entre falsa gente,  
Entre tristezas mil e mil perigos,  
De tantos vicios ver, vi-me demente.

Debalde procurei leaes abrigos,  
Foi pago com traições o meu amor,  
E só traições colhi dos meus amigos.

E cada vez o mal ia a peor!  
A tal ponto que a minha dor agreste  
Julguei-a das dor's todas a maior!

Amigo! foi então que me appar'ceste  
E me mostraste como tudo é vão  
Sob a estrellada abobada celeste;

Seguindo o teu exemplo, foi então  
Que eu o mundo deixei para voltar  
Aos deliciosos prados da illusão.

Aqui me vim 'esconder e recobrar,  
Aqui, onde de novo pastoreio,  
E onde outra vez Castália oiço cantar;

De novo bebo o mel do devaneio,  
Minha bocca, em vez d'ais, sólta canções,  
A paz voltou suavissima ao meu seio;

Quaes semicrapos Ægipães brincões,  
Meus sonhos, em frescor, humilham rosas,  
Só alimento ideaes aspirações;

Vivo calmo a cantar canções viçosas,  
E a ouvir, sempre encantado, o bom Mondego,  
Onde cantam Mondegides maviosas!



---

Sou de novo feliz! vivo em socego!  
De novo ostenta flor's a sêcca haste,  
De novo o mudo fala e vê o cego!

Graças te rendo, a ti que me ensinaste  
A tanger minha avena, e que depois,  
Vendo-me já perdido, me salvaste!

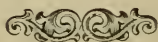
Cantem, quando passar's os rouxinoes,  
Sigam-te, como sombras, os Poetas,  
Acclamem-te Rainhas, Reis e Heroes!

Que os teus pes, pisem só jasmins, violetas,  
Seja-te o inverno doce primavera,  
Realise-se tudo o que projectas!

Comtigo ainda conversar quizerá,  
Meu rebanho, porém, vou deitar fóra,  
Qué, de se ver sem mim, já desespera.

Aqui não posso ficar mais agora,  
Pois meus olhos, cordeiros saltadores,  
Balindo querem que eu, sem mais demora,

Os vá guardar no teu *Campo de Flores!*



FIGURINHAS DE TANAGRA



# PHYLLIS

---

## I

### A MAÇÃ

Repara, Phyllis: a maçã doirada,  
Que ainda ha pouco na macieira ria,  
Mostrando a côr divina da ambrosia,  
— Eil-a no chão caída, encarquilhada.

Onde está essa graça perfumada,  
Que o oiro é o proprio sol escurecia?  
A devoral-a, correm á porfia  
As formigas, em turba alvoroçada.

Phyllis! vem reclinar-te no meu leito,  
E deixa-me oscular teu niveo peito,  
Teus braços, tua bocca de romã!

Caricias te darei de ideal molleza . . .  
Não me resistas mais . . . tua belleza  
Passará como o viço da maçã.

## II

### O ESPELHO

A velha que ali vae com triste aspeito,  
Os olhos murchos e fanada a pel',  
É a sombra de Phyllis, flor cruel,  
Que jamais quiz deitar-se no meu leito.

Era um jardim de lirios o seu peito,  
Sua bocca adoçava o proprio mel;  
Mas ai! belleza vã, belleza infiel!  
Tanta graça e frescor, tudo desfeito . . .

---

Alguem a ouviu, quebrando o espelho fino,  
Que lhe dei quando os seus olhos brilhantes  
Viviam a ferir-me e a maldizer-me:

— «De que me serves tu, disco argentino,  
«Se me não me vejo em ti qual era d'antes,  
«E se, como hoje sou, não quero ver-me?







## PYRAMO E THISBE

---

Os fructos da amoreira, a cuja sombra isto  
aconteceu se tornaram negros, sendo até ali  
brancos.

DICIONARIO DA FABULA.

Da amoreira, que o noivo lhe indicara,  
Já Thisbe se acercava, quando, vendo  
Uma leôa ali, fugiu correndo,  
E voar deixou o veu com que se ornara.

Pyramo, o svelto heroe, da sua cara  
E doce amada o veu reconhecendo,  
Logo com um punhal se mata, crendo  
Que, Thisbe, a ruiva fera a devorara.

Chega de novo Thisbe — ó duro instante! —  
Dá com Pyramo morto, e o seio f'rindo,  
Que era inveja das Musas e das Horas,

Morta cae, abraçada ao loiro amante!  
Chorando o triste fim de par tão lindo,  
De lucto se vestiram as amoras . . .



## EPIGRAMMA

---

P'ra onde me fugiste, ó meu viver tranquillo?  
Não durmo, não descanço, e a todo o instante choro,  
Desde que um dia vi a embriagante Psylo,  
Gracil, dançando ao som dos seus crotalos d'ouro.

Almas! vivei quietas,  
Não mais fiteis o Amor com trémulo receio.

Do Amor as aureas settas  
Eil-as todas cravadas no meu seio!



## A LAÏS

---

Á cyprina Laïs, alva como os goelanos,  
A Laïs, que possui compridas tranças pretas,  
P'lo meu 'scravo mandei, no dia dos seus annos,  
Um cacho moscatel n'um cabaz de violetas.

Os amantes, que dão ás suas namoradas  
Fulgurantes anneis de riqueza estupenda,  
Luminosos rocaes e redes constelladas,  
Hão-de sorrir, bem sei, da minha pobre off'renda.

Pensei em dar-lhe, é certo, um precioso collar,  
Ou um anel com mais luz do que o incendio de Troia,  
Mas reconsiderarei de prompto, ao attentar  
Que ainda ninguem viu dar joias a uma joia . . .



## A CAMISA DE ALCIPPE

---

Ninguem foi mais feliz do que eu, emquanto  
De Xantho o lindo corpo agasalhava;  
Só quando á lavadeira me mandava  
É que eu vertia copioso pranto.

Mas em breve, voltava para Xantho  
E a ventura de novo me amimava!  
Por nada me trocara, se beijava  
Seu fino collo de aprilino encanto!

Pobre camisa! chora, pois perdeste  
As tuas mais preciosas alegrias!  
Pobre camisa, que desgraça a tua!

Ha tres dias que Xantho não me veste!  
Nos braços de Antenor, ha já tres dias  
E tres noites que Xantho vive nua!





## A MEONIS

---

Não gósto de vinho; mas se me queres ver  
ebrio, chega os teus labios á taça e apresenta-  
m'a depois.

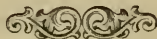
AGATHIAS.

Como da agua foje um cão damnado,  
Assim do vinho eu fujo, desde o dia  
Em que, bebendo taças á porfia,  
Como um morto, caí emborrachado.

A vista d'esse cyatho doirado,  
Só a vista! me turva e me agonía,  
Porque o estou vendo, ó Meonis fugidia,  
Cheio d'um vinho pallido e aloirado.

Mas se a bocca chegasses, ao de leve,  
Ao licor que me é tão odioso,  
—Rápido como as ondas do Peneu,

D'um trago o beberia, ó flor de neve,  
Achando-o como o nectar delicioso  
Porque n'elle acharia um beijo teu!



## O DEDAL DE HELLADIA

---

'Stava a formosa Helladia costurando,  
Á sombra d'este mùmuro arvoredado,  
Quando caí um dia do seu dedo  
E vim p'la relva fóra rebolando.

De balde me andou ella procurando,  
Não deu comigo occulto no relvedo. . .  
Foi-se. . . e eu fiquei n'este cruel degredo,  
Onde vivo gemendo e soluçando. . .

—Moço que estás sentado n'essa fraga,  
E com a lyra os zephyros commoves,  
Leva-me a Helladia, que deprime o dia!

Da tua generosa acção em paga,  
Ó gracioso mancebo, talvez proves  
Seus labios de violetas e ambrosía . . .



## A LAMPADA

---

A lampada d'argilla, que ali vês,  
Junto d'aquelle Amor fundido em cera,  
Archias, amigo meu, não a cedera  
Pela mais gorda e mais lustrosa rez.

Para a cobrar, daria nove ou dez  
Cabras do meu rebanho, se a perdera,  
E uma palavra nunca mais dissera,  
Se, de tel-a, o penhor fosse a mudez.

Sem de leve hesitar, regeitaria  
Quanto em troca me dessem: mel doirado,  
Oiro em barra, marfim, prata brilhante!

Não julgues que lhe quero em demasia,  
Pois foi á sua luz que eu vi, pasmado,  
O corpo nu da glacial Rhodante.



# EPIGRAMMAS GREGOS

(IMITAÇÕES)

---

*De Maleagro:*

Tens visco, meu amor na bocca de cerejas,  
Cheio de fogo tens o olhar com que me excitas:  
Prendes os que beijas,  
Queimas os que fitas.

*De Cillactor:*

Um beijo dado  
E uma delicia, um favo de doçura;  
Mas se é comprado  
O helleboro vence em amargura.

*De Paulo, o Silenciario:*

Em tudo o que o rodeia, o homem damnado vê  
A imagem do animal, que o 'smordaçou, ferino:  
Devo damnado estar, ó pallida Chloé,  
Pois vejo em toda a parte o teu rosto divino!

*Do mesmo:*

Dispamo'-nos, amor! Nua, abriga depressa,  
No meu, teu corpo, que é um jaspe da Laconia:  
A gaze que te cinge, acho-a bem mais espessa  
Que as muralhas brutaes, que cercam Babylonia!

*D'um Anonymo:*

Emquanto és nova, gosa! allia-te ao prazer!  
A belleza é fugaz, amiga, não te illudo:  
Basta um estio só, um só! para fazer  
D'um cabrito gentil um bode cabelludo. . .

*De Lucillio:*

Bianor, que primou na arte de pintar  
Tem vinte filhos. . . Zeus! que berros, que gemidos  
O pobre não soffreu! Mas. . . coisa singular!  
Entre os vinte não ha dois que séjam par'cidos. . .



*Do mesmo:*

Quando, vaidosa, pinta as farripas grisalhas,  
Themisthonor, que tem a idade de tres galhas,  
Em tenra moça não se metamorphoseia  
Mas sim em deusa... Olha: parece a velha Rhêa!

*Do mesmo:*

Tendo visto uma noite o seu medico em sonhos,  
Diophante, que hoje vive em martyrios medonhos,  
Nunca mais se tornou a levantar do leito,  
Muito embora trouxesse um amuleto ao peito.

*Do mesmo:*

Demosthenis possui um 'spelho que lhe mente.  
Se o 'spelho não mentisse, aquella feia harpia  
De certo o quebraria  
Em vez de o consultar continuamente.

*Do Imperador Trajano:*

Se acaso o teu carão o ruivo sol defronta  
E a tua bocca enorme abres no mesmo instante,  
Aos que vão a passar, do teu nariz a ponta  
Indica a hora, como um optimo quadrante.

*De Ammieno :*

Liberto emfim dos mundanaes vaivens,  
Seja-te leve a terra, ó maldizente!  
Seja-te leve sim. . . para que os cães  
Possam desenterrar-te facilmente!



# ODES DE HORACIO

Et tenuit nostras numerosus Horatius aures,  
Dum ferit Ausonia carmina culta lyra.

OVID. lib. IV *Trist.* Eleg. 10.

## AD LEUCONOEN

---

Tu ne quæsieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi  
Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios  
Tentaris numeros. Ut melius, quidquid erit, pati!  
Seu plures hiemes, seu tribuit Jupiter ultimam,  
Quæ nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrenum, sapias, vina liques, et spatio brevi  
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida  
Ætas. Carpe diem, quam minimum credula postero.

## A LEUCONOE

---

Leuconoe, andas mal se o escuro fim defrontas,  
Que os Deuses nos darão; babylonicas contas  
Não faças. O melhor é desprezar a sorte!  
Quer nos dê Jove mais invernos, quer a morte  
Nos dê n'este, que esfalfa entre escolhos maninhos  
O mar tyrrheno, sê prudente, philtra os vinhos  
Coarcta o sonho: ao falar, ciosa a vida nos foge. . .  
Que importa o dia d'amanhã? Gosemos hoje.

## AD LYDIAM

---

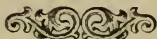
Quum tu, Lydia, Telephi  
Cervicem roseam, cerea Telephi  
Laudas brachia, væ! meum  
Fervens difficili bile tumet jecur.  
Tunc nec mens mihi nec color  
Certa sede manent, humor et in genas  
Furtim labitur, arguens  
Quam lentis penitus macerer ignibus.

## A LYDIA

---

Quando gabas, ó Lydia! o pescoço rosado  
De Telepho e tambem os seus braços de cera,  
N'esses instantes, ai! a bilis, que exaspera,  
Quasi faz estoirar meu figado abrazado.  
Foge-me a côr do rosto, e da cabeça o tento,  
E p'las faces sem côr, furtivo, deslizando,  
Das lagrymas o curso indica o fogo lento  
Que me vae cá por dentro o coração minando:

Uror, seu tibi candidos  
Turparunt humeros immodicæ mero  
Rixæ, sive puer furens  
Impressit memorem dente labris notam.  
Non, si me satis audias,  
Speres perpetuum dulcia barbare  
Lædentem oscula, quæ Venus  
Quinta parte sui nectaris imbuit.  
Felices ter et amplius,  
Quos irrupta tenet copula, nec malis  
Divulsus querimoniis  
Suprema citius solvet amor die.





Sinto-me em brazas, Lydia, ao achar, na brancura  
Dos teus hombros, signaes d'uma avinhada orgia,  
Ou se, á flor d'essa bocca, o meu olhar espia  
Do moço desvairado, a funda mordedura.  
Acredita-me, Lydia! ha-de ser fugidio  
O amor de quem tortura essa bocca formosa,  
Esses labios gentis que a Mãe do Amor ungiu  
Do nectar, que possui, co'a parte mais preciosa.  
Tres vezes, e ainda mais! felizes, os amantes  
Que um forte laço nunca deixa de apertar,  
E cujo amor, alheio ás questões irritantes,  
Só poderá morrer quando a morte os levar.



## AD CHLOEN

---

Vitas hinnuleo me similis, Chloe,  
Quærenti pavidam montibus aviis  
    Matrem, non sine vano  
    Aurarum et siluæ metu.  
Nam seu mobilibus veris inhorruit  
Adventus foliis, seu virides rubum  
    Dimovere lacertæ,  
    Et corde et genibus tremit.

## A CHLOÉ

---

Evitas-me, Chloé, qual veado mimoso,  
Que procurando vae, em cerradas boscagens,  
A inquieta mãe, candidamente receoso  
Das auras e folhagens.

Tremem-lhe o coração e as pernas, quando fita  
As folhas que de abril a viração esgarça,  
Ou se acaso um lagarto, ao perpassar, agita,  
Todo verde, uma sarça.

Atqui non ego te, tigris ut aspera  
Gætulusve leo, frangere persequor:  
Tandem desine matrem  
Tempestiva sequi viro.



Leão getulio não sou, nem tigre que, em damninha  
Furia, te siga afim de te despedaçar:  
Deixa emfim tua mãe! és uma mulhersinha,  
Precisas de casar!



## AD VENEREM

---

O Venus, regina Cnidi Paphique,  
Sperne dilectam Cypron, et vocantis  
Ture te multo Glyceræ decoram

Transfer in ædem.

Fervidus tecum puer, et solutis  
Gratiæ zonis, properentque Nymphæ,  
Et parum comis sine te Juventas,  
Mercuriusque.

## A VENUS

---

Da amada Chrypre sae, tu cujo arbitrio impèra  
Em Gnido e Paphos, e, p'ra tua habitação,  
Venus! elege a linda casa de Glycera,  
Que, ao invocar-te, queima incenso em profusão.  
Traze o Menino, que anda eternamente a arder,  
Mercurio, as Nymphas e as tres Graças, sem que odiavel  
Cinto as opprima . . . e não te esqueças de trazer  
A Mocidade, que sem ti é pouco affavel.

## AD ALBIUM TIBULLUM

---

Albi, ne doleas plus nimio memor  
Immitis Glyceræ, neu miserabiles  
Decantes elegos, cur tibi junior  
Læsa præniteat fide.

Insignem tenui fronte Lycorida  
Cyri torret amor; Cyrus in asperam  
Declinat Pholoen; sed prius Apulis  
Jungentur capreæ lupis,



## A ALBIO TIBULLO

---

Albio! ao lembrar-te de Glycerá, essa traidora,  
Não chores tanto nem recites com tristura  
Versos cheios de dor, só porque um moço agora,  
Mais novo do que tu, entontece a perjura.  
Por Cyro, arde d'amor Lycoris, que tem fino,  
Lindo rosto; Pholoe manda que a desamparem  
De Cyro os olhos . . . e amará o adúlterino  
Quando aos lobos da Apulia as cabras se ajuntarem.

Quam turpi Pholoe peccet adultero.  
Sic visum Veneri, cui placet impares  
Formas atque animos sub juga ahenea  
    Sævo mittere cum joco.  
Ipsum me melior quum peteret Venus,  
Grata detinuit compede Myrtale  
Libertina, fretis acrior Hadriæ  
    Curvantis Calabros sinus.



Ordens de Venus são! Para se distrair,  
Compraz-se Venus n'estes jogos odiaveis,  
E a uma canga de bronze é-lhe doce jungir  
Corpos e almas que são irreconciliaveis.  
Linda dama engeitei eu proprio, ao supportar  
Da liberta Myrtale os grilhões (pêso brando!),  
Myrtale tão hostil como o Adriatico mar  
Que da Calabria vae os golfos escavando.



## AD PUERUM

---

Persicos odi, puer. apparatus,  
Displicent nexæ philyra coronæ:  
Mitte sectari, rosa quo locorum  
Sera moretur.

Simplici myrto nihil allabores,  
Sedulus curæ: neque te ministrum  
Decedet myrtus neque me sub arta  
Vite bibentem.

## AO SEU ESCRAVO

---

Da Persia a ostentação não a posso tragar.  
Quando cascas da tília as atam, são-me odiosas  
As c'roas; meu rapaz, é inutil procurar  
Os sitios onde estão medrando as tardas rosas.  
Nada ajuntes ao myrto, ó servo diligente:  
Fica-te a frente pelo myrto bem c'roadada,  
Quando me enches a taça; e esta frente igualmente,  
Quando estou a beber sob a fresca latada.

# CARMEN AMŒBÆUM

---

HORATIUS

Donec gratus eram tibi  
Nec quisquam potior brachia candidæ  
Cervici juvenis dabat,  
Persarum vigui rege beatior.

LYDIA

Donec non alia magis  
Arsisti neque erat Lydia post Chloen,  
Multi Lydia nominis  
Romana vigui clarior Ilia.

## CANTO AMEBEO

---

HORACIO

Emquanto te agradei, ó Lydia! e nenhum moço,  
Vencendo-me, cingia  
Teu nevado pescoço,  
Mais feliz do que o rei da Persia então vivia.

LYDIA

Emquanto a todas me pref'rias com ardor,  
E até mesmo a Chloé me achavas sup'rior,  
Eu, Lydia, que pertenço a uma illustre familia,  
Com tal gloria vivi, que me invejara Ilia.

## HORATIUS

Me nunc Thressa Chloe regit,  
Dulces docta modos et citharæ sciens,  
Pro qua non metuam mori,  
Si parcent animæ fata superstiti.

## LYDIA

Me torret face mutua  
Thurini Calais filius Ornyti,  
Pro quo bis patiar mori,  
Si parcent puero fata superstiti.

## HORATIUS

Quid, si prisca redit Venus,  
Diductosque jugo cogit aheneo?  
Si flava excutitur Chloe,  
Rejectæque patet janua Lydiæ?



## HORACIO

Hoje adoro Chloé, flor na Thracia nascida,  
Insigne cytharista e suave cantora;  
Por ella, sem receio, abandonara a vida,  
Se, ao morrer, lhe tornasse a vida duradoura.

## LYDIA

De Ornithio, natural de Thurio, o filho queima  
Meu coração, que por seu turno queima o d'elle;  
Chama-se Callaïs: duas mortes com fleima  
Eu aturara, p'ra dar vida a esse donzel.

## HORACIO

Que farias se o Amor, que nos uniu outr'ora,  
Ao seu jugo de bronze agora nos unisse,  
E se, depois de eu despedir Chloe, a loura,  
A ti, que eu despresei, minha porta se abrisse?

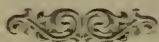
## LYDIA

Quanquam sidere pulchrior  
Ille est, tu levior cortice et improbo  
Tracundior Hadria,  
Tecum vivere amem, tecum obeam libens.



## LYDIA

Embora Gallais vença em luz os espaços,  
Embora sejas como a cortiça erradia  
E iroso como o Adriatico, em teus braços  
Viveria feliz e feliz morreria.



## A CHLORIS

---

Uxor pauperis Ibyci,  
Tandem nequitiae fige modum tuæ  
Famosisque laboribus:  
Maturo propior desine funeri  
Inter ludere virgines  
Et stellis nebulam spargere candidis.  
Non, si quid Pholoen, satis  
Et te, Chlori, decet: filia rectius

## A CHLORIS

---

Do pobre Ibyco, ó esposa!  
Um termo põe emfim á tua corrupção,  
Ás vis occupaões d'essa vida ascorosa.  
És velha, vaes morrer: não te entremettas, não,  
Nos brincos das donzellas,  
Não vás enevoar as candidas estrellas.  
O que a Pholoe vae bem, não te vae bem a ti:  
Deixa que tua filha invada, com ardor,

Expugnat juvenum domos,  
Pulso Thyias uti concita tympano.  
Illam cogit amor Nothi  
Lascivæ similem ludere capræ:  
Te lanæ prope nobilem  
Tonsæ Luceriam non citharæ, decent,  
Nec flos purpureus rosæ  
Nec poti vetulam fæce tenus cadi.



Dos mancebos a casa, em doido frenesi,  
Qual bacchante inflammada ao rufo do tambor;  
O amor de Notho a faz andar n'um corrupio  
Tal, que parece até uma cabra com cio.  
Entretem-te a fiar, Chloris, a lã das rezes  
Da Luceria immortal: já não te ficam bem  
As lyras, da roseira a flôr purpurea, nem  
Os banquetes em que se esgotta o vinho e as fezes.



## AD DIANAM

---

Montium custos nemorumque, Virgo,  
Quæ laborantes utero puellas  
Ter vocata audis adimisque leto,  
                  Diva triformis,  
Imminens villæ tua pinus esto,  
Quam per exactos ego lætus annos.  
Verris obliquum meditantis ictum.  
                  Sanguine donem.



## A DIANA

---

Virgem, que estás guárdando as montanhas e as mattas,  
Deusa triforme, que, tres vezes invocada,  
Ouves a joven mãe e da morte a arrebatas  
Quando soffre no leito, ao parir, angustiada:  
O pinheiro que ensombra o meu casal, dedico-o  
A ti, e, bem contente,  
D'um varrasco, que já ensaie o olhar obliquo,  
Com o sangue hei-de aspergir o seu tronco, annualmente.

## AD VENEREM

---

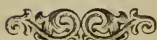
Vixi puellis nuper idoneus,  
Et militavi non sine gloria;  
Nunc arma defunctumque bello  
Barbiton hic paries habebit,  
Lævum marinæ qui Veneris latus  
Custodit. Hic, hic ponite lucida  
Funalia et vectes et arcus  
Oppositis foribus minaces.

## A VENUS

---

Até ha pouco, fui olhado com paixão  
Pelas donzellas, e com gloria combati. . .  
O alaude, que já cumpriu sua missão,  
E estas armas marciaes, deixo tudo hoje aqui,  
N'este muro, que da marinha Mãe do Amor  
Á esquerda fica. Amigos meus: tochas luzentes  
E alavancas tambem, vinde-as aqui depor  
E os arcos sempre hostis ás portas resistentes!

O quæ beatam diva tenes Cyprum et  
Memphim carentem Sithonia nive,  
Regina, sublimi flagello  
Tange Chloen semel arrogantem.



Deusa que tens de Chypre a ilha bem ditosa,  
E Memphis, que jamais viu a sithonia neve,  
Co' o açoite divinal fustiga a orgulhosa  
Chloé . . . Porém, rainha, açoita-a bem de leve . . .



## EPILOGUS

---

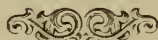
Exegi monumentum ære perennius  
Regalique situ pyramidum altius;  
Quod non imber edax, non Aquilo impotens  
Possit diruere aut innumerabilis  
Annorum series et fuga temporum.  
Non omnis moriar multa que pars mei  
Vitabit Libitinam: usque ego postera  
Crescam laude recens, dum Capitolium

## EPILOGO

---

Das pyramides reaes ultrapassando a ponta,  
Mais duravel que o bronze, um monumento fiz;  
Nem a chuva voraz, nem os ventos hostis,  
Nem do tempo o fugir, nem os annos sem conta.  
O abalarão! Não morrerei inteiramente!  
Uma parte de mim fugirá certamente  
A Libitina; e sem na edade achar quebranto,  
No porvir, minha fama ha-de crescer emquanto.

Scandet cum tacita virgine pontifex.  
Dicar, qua violens obstrepit Aufidus  
Et qua pauper aquæ Daunus agrestium  
Regnavit populorum, ex humili potens  
Princeps Æolium carmen ad Italos  
Deduxisse modos. Sume superbiam  
Quæsitam meritis et mihi Delphica  
Lauro cinge violens, Melpomene, comam.

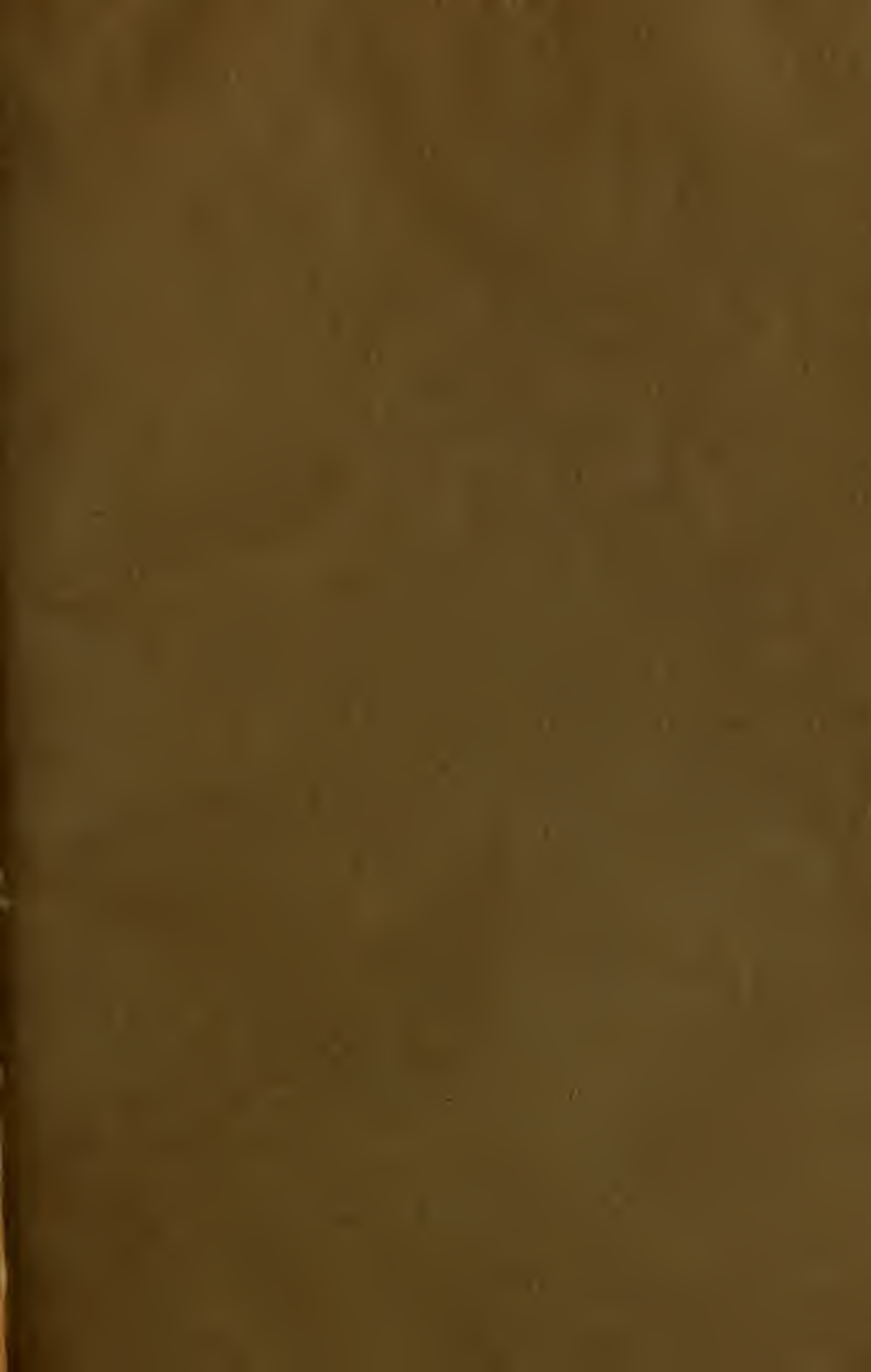




Subir ao Capitolio o Pontifice, ao lado  
De muda virgem. Lá, onde o Aufido irado  
Brame, e onde Dauno governou a dura grei  
D'um agreste paiz, dir-se-á que fui eu quem,  
Illustrando o meu berço, a eolia feição dei  
Á poesia latina. Ó Melpomene, vem,  
Vem, favoravel mas justamente altaneira,  
C'os loiros delphicos cingir-me a cabelleira!

FIM







PQ  
9261  
C4D4

Castro, Eugenio de  
Depois da ceifa

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 11 15 12 13 022 0